



Gilberto Jasper

Jornalista
gilberto.jasper@gmail.com

Brasil, panorama desolador

Um grande sofrimento para um jornalista é o vício de acompanhar o noticiário das 5h30 até a meia-noite. Sou dependente de informação e, por isso, tenho dificuldades para relaxar. O cenário atual desperta revolta e desânimo. Protestar é perigoso. Escândalos envolvendo figuras da República fazem corar estátuas de mármore. A mais alta instância do Judiciário virou balcão de negócios envolvendo ministros do STF com a implicação de familiares.

A mídia é pródiga em difundir troca de favores através de emendas parlamentares e o uso de cargos. Desta vez

chegamos ao cúmulo de ver o *Jornal Nacional* desmentindo o todo-poderoso ministro Alexandre de Moraes.

Conhecido como defensor dos poderosos de plantão, o Sistema Globo parece ter “largado a mão” do Supremo. Fico a imaginar quão graves devem ser os acontecimentos que ainda estão por vir. Prefeitos, vereadores e deputados – estaduais e federais – são alvos frequentes e preferidos da imprensa. Cada passo, cada despesa, cada diária gasta, cada aquisição – com ou sem licitação – são examinados com lupa. Já os gastos recordes do cartão corporativo da

Presidência da República não passam de mensagens trocadas em grupo de WhatsApp integrados por “fascistas, conservadores e golpistas”.

Na guerra da informação, pesos e medidas diferentes são usados como critério para definir o que é notícia. Boa parte deste julgamento se baseia nos gastos com publicidade, um escárnio com quem a cada ano paga mais impostos. Em Brasília e no Palácio Piratini, o super marketing pessoal é obviamente omitido pela mídia que se locupleta do culto ao ego de nossos governantes.

professora e escritora
professora.vier@gmail.com



Nana Vier

O mistério dos leitores invisíveis

Trago uma novidade que me deixa muito feliz: a partir de agora contribuirei com mais frequência neste jornal. Confesso que essa conquista tem um significado especial. Escrever nunca foi apenas um prazer. Foi também um processo quase terapêutico. Escrevendo organizo ideias, revisito pensamentos e repenso a vida. Colocar palavras no papel é minha forma de conversar comigo mesma e de dar algum sentido ao que vejo e sinto no mundo.

Porém, algo curioso começou a acontecer. Volta e meia encontro pessoas na rua que me reconhecem e di-

zem que gostam dos meus textos. Amigos e conhecidos dizem a mesma coisa. Já ouvi mais de uma vez: eu aguardo pelos teus textos.

Isso é gratificante. Especialmente em um país que não tem exatamente a fama de ser campeão em leitura. Mas existe uma pequena contradição nessa história. Nas redes sociais, onde também publico os textos, o engajamento é quase monástico. Poucos likes, raríssimos comentários. Um silêncio digno de biblioteca antiga. Não sou influencer. Minhas redes servem basicamente para divulgar o que es-

crevo e fotos das minhas cachorras.

Perguntar existenciais surgem, tipo: devo pedir que comentem? Já tentei. Resultado: silêncio. E todas as manifestações carinhosas que recebo? Serão sinceras... ou apenas uma conspiração educada? Diante desse dilema filosófico-digital, resolvi apelar para a humilhação pública. Aceito sugestões e também faço um pequeno pedido.

Se tu leste até aqui, considera comentar. Pode ser: ficou muito bom, continue em frente, ou até um não desista. Um emoji já salva a autoestima da escritora.

Jornalista
cristinaberton90@gmail.com



Angela Berthon

O feminicídio pode e deve ser prevenido

Mês da Mulher ativo no calendário e uma fala de Elize Matsunaga voltou a circular nas redes sociais em função dos altos índices dos feminicídios. E não tem como fugir deste assunto. Com declarações polêmicas, Elize viraliza e ganha seguidores, uns concordam, outros não, normal no mundo digital, mas não há como negar que o depoimento de Elize chama a atenção para um assunto que pede urgência.

Deixo bem claro que sou totalmente contra a violência. Sou a favor do respeito em qualquer tipo de relação seja casamento, namoro, amizade, enfim.

Sem xingamentos, violência física, verbal, patrimonial, enfim. Onde não existe respeito e tem violência não existe amor. E se não existe amor separe, ninguém nasceu colado em ninguém. Separe antes do pior acontecer. Ah, mas existe lei, sim, a Lei Maria da Penha. Sem dúvida foi um avanço, mas a verdade é que mesmo com a aplicação da lei, os índices de feminicídios seguem altos. O ciclo da violência contra a mulher pode ser interrompido se, diante de cada um dos muitos sinais de perigo, houver ações para impedir um desfecho fatal.

Não temos como negar que a nossa sociedade ainda precisa evoluir muito no modo como tem tratado a mulher e os crimes praticados contra ela. Temos que nos unir para combater e denunciar casos de violência contra a mulher. Se você conhece alguma mulher que tem sido vítima de qualquer tipo de violência, como abuso verbal e físico, ligue para o número 180. Precisamos lutar para interromper o ciclo de violência contra a mulher, e só poderemos fazer isso quando combatermos os sinais de perigo antes que a situação leve a um desfecho fatal.

Suzana Kunz

Publicitária
suzanakunz.1958@gmail.com



Sem fronteiras

O sol já se deitava no horizonte quando me sentei à beira da praia. Minha pele muito alva prefere a hora em que o sol já começa a se despedir. Momento em que posso ficar sem protetor solar, sem óculos escuros, sem guarda-sol. Nada a me proteger ou a traçar limites entre mim e o mundo. O cenário era pura poesia.

As ondas suaves de Quatro Ilhas seduziam crianças e seus familiares que se banhavam brincando à beira-mar. Riam alto, como se descobrissem ali algo precioso. Fechei os olhos para ouvir os tons do movimento aquático e caudaloso. Quis ser toda ouvidos, apenas audição, o corpo inteiro atento, silenciando os outros sentidos. Foi então que, além do sussurro das ondas que iam e vinham como longas inspirações e expirações, percebi algo curioso: eu poderia estar não no litoral catariense, mas talvez no Caribe ou em alguma praia me-

xicana. Por quê? Porque meus ouvidos captavam, além do marulhar, só e somente a língua espanhola.

Tentava adivinhar: argentinos? uruguaios? chilenos? paraguaios? Após algum tempo naquela sinfonia que misturava espanhol aos acordes do mar, decidi caminhar um pouco com a água rente aos pés. Pelo caminho passava por pequenos grupos familiares, mergulhados em seu coloquial linguajar. Já anoitecia. Famílias estrangeiras continuavam chegando à praia, indiferentes ao horário. Evidentemente queriam aproveitar, até o último instante, aqueles momentos paradisíacos.

Foi então que parei por alguns instantes, olhando para todo aquele cenário, e pensei que talvez seja isso que a beleza faz conosco: suspende as fronteiras por algumas horas. O mar não sabe quem nasceu aqui e quem veio de longe.

Evaldo Luis Pauly

Teólogo e professor
profevaldopauly@gmail.com



O descanso de Deus

O dia de descanso é tradição judaico-cristã desde o século 13 a. C. No sábado, as famílias celebravam a libertação do Egito (Dt 5,12-15) governado pelo Faraó Ramsés II. Mais tarde, no século 8 a.C. no exílio babilônico, Gn 2,1 encerra a narrativa da criação dizendo que no sétimo dia Deus “descansou de toda a obra”.

No século 5, depois do exílio, o povo canta o Salmo 146:7-9 lembrando que Deus Criador “faz justiça aos oprimidos” e “dá pão aos famintos”. Ora, Deus deu-se o direito de descansar, então as pessoas devem descansar (Êx 20,10).

Quando fariseus acusaram Jesus de não guardar o sábado, ele respondeu que “o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado” (Mc 2,27); em outra discussão, Jesus questiona esses líderes religiosos: “É lícito

nos sábados fazer o bem ou fazer o mal? Salvar uma vida ou matá-la?” (Mc 3,4).

No século 2 d. C., os cristãos abandonam o judaísmo e mantêm a guarda do sábado e aos domingos repartiam o pão e o vinho em memória de Cristo.

Há 34 séculos, portanto, o povo de Deus defende a jornada 6x1 desde a escravidão no Egito, na Babilônia, no Império Romano, na servidão da Idade Média e no trabalho moderno.

A proposta política pela aprovação da jornada 5x1 sem redução de salário quer mudar essa tradição milenar. A classe trabalhadora gostaria de mais um dia de descanso semanal, sabendo que talvez esse direito reduza a margem de lucro da classe empresarial. Hoje, Jesus o que diria sobre essa proposta?

Eu, fotógrafo

Envie sua fotografia (preferencialmente horizontal) para vidareal@gruposinos.com.br

Registro de um passeio matinal pelo valão.

Ivo Rubi
Novo Hamburgo



Os artigos publicados nesta página são opiniões pessoais e de inteira responsabilidade de seus autores. Por razões de clareza ou espaço poderão ser publicados resumidamente, o tamanho é de até 1.600 caracteres com espaço. Artigos podem ser enviados para opiniao@gruposinos.com.br.

abc+
Mais artigos em
abcmas.com/opiniao